

QUANDO O COSTUME SE FAZ PASSAR POR DEUS

Sobre o direito de recuar, o descanso que a terra ensina e a diferença entre deixar uma estrutura cansada e abandonar a fé que sustenta a vida

Ainor Francisco Lotério

O ANO EM QUE A TERRA NÃO É SEMEADA

Há uma prescrição antiga, inscrita no Levítico, que o tempo moderno esqueceu por completo. A cada sete anos a terra deve repousar, e o texto sagrado não chama isso de pausa nem de interrupção, chama de sabbado do Senhor. Naquele ano não se semeia, não se poda, não se colhe o que nasce por conta própria. Quem observa de fora enxerga abandono. Quem entende de solo enxerga o contrário, porque sabe que a matéria orgânica se recompõe no silêncio, que a vida microbiana se reorganiza sem intervenção, e que a fertilidade perdida na safra anterior só retorna quando ninguém está pisando o canteiro.

O que vale para a terra vale para a alma, e vale sobretudo para aquelas almas que passaram décadas produzindo sem descanso dentro de estruturas religiosas, comunitárias, associativas ou profissionais. Chega um momento em que a pessoa percebe que continua cumprindo tudo e já não colhe nada. Reza sem devoção, comparece sem presença, serve sem alegria. Isso não é esfriamento da fé, é esgotamento de solo. E solo esgotado não se corrige com mais adubação nem com mais cobrança, corrige-se com pousio.

O COSTUME QUE SE FAZ PASSAR POR DEUS

O peso que muitos carregam não vem de Deus, vem do costume que aprendeu a falar em nome d'Ele. Reunião que se justifica por outra reunião, calendário que já não nasce da vida do povo e passa a se impor sobre ela, escala que ninguém questiona porque ninguém se lembra de quem a criou. Nada disso vem do Evangelho, vem da vida institucional que se autonomizou e passou a viver de si mesma. O problema é que a estrutura, tendo nascido para conduzir ao encontro com Deus, começa em algum momento a administrar o acesso a Ele.

Aí nasce a confusão mais cruel que existe na vida religiosa, a de acreditar que faltar a uma estrutura é faltar com Deus. Quem foi formado assim carrega no corpo uma culpa que nenhum argumento dissolve, porque essa culpa não foi aprendida em livro, foi aprendida em casa, no exemplo de avós e de pais que amavam a Deus e que, sem perceber, mediam a fidelidade pela frequência. É herança afetiva, não é doutrina. Doutrina se aprende em alguns anos de estudo, afeto religioso se aprende em trinta anos de infância, e por isso um não vence o outro no campo do raciocínio.

Convém, então, dizer com clareza o que a própria tradição sempre ensinou. Falta grave exige matéria grave, e nenhuma comissão, nenhum conselho, nenhum encontro de formação, nenhuma agenda paroquial jamais foi matéria grave. Deus não vinculou a própria salvação àquilo que os homens organizaram para administrá-la. Ele salva dentro e salva fora, salva pela estrutura e salva apesar dela, porque a graça nunca precisou de autorização para chegar a ninguém.

A DIFERENÇA ENTRE RECUAR E NEGAR

Recuar de uma função não é negar aquilo que a função representa. O agrônomo que deixa de exercer continua agrônomo, porque a formação é caráter permanente e não obrigação perpétua de serviço. O mesmo princípio se aplica a toda vocação recebida, seja ela profissional, comunitária ou religiosa. Ninguém se torna propriedade de uma estrutura por ter servido a ela com generosidade, e nenhum homem, por mais alto que seja o cargo que ocupa, é dono da consciência de outro.

O que se abandona, nesses casos, é sempre o exercício, nunca o vínculo interior. Quem se afasta continuando a amar a Deus sobre todas as coisas não está apostatando, está recolhendo-se. E o recolhimento tem tradição longuíssima entre os que levaram a fé a sério, dos padres do deserto aos monges que trocaram a praça pelo claustro. Nunca se acusou nenhum deles de infidelidade por terem preferido o silêncio à assembleia.

Existe, contudo, um cuidado que precisa acompanhar toda retirada, e ele é de ordem interior. É preciso saber com honestidade se o afastamento nasce de liberdade ou de mágoa. Quem sai por liberdade sai leve, e poderia perfeitamente ter ficado. Quem sai por mágoa leva a corrente junto, porque continua sendo governado por aquilo de que fugiu. A diferença entre os dois não aparece no gesto, aparece no que sobra no peito seis meses depois.

O QUE PERMANECE QUANDO A AGENDA CESSA

Cessada a agenda, descobre-se o que sempre esteve embaixo dela. A fé permanece, porque ela nunca dependeu de compromisso marcado. A oração retorna, e frequentemente retorna melhor, porque volta a ser conversa e deixa de ser tarefa. A família reaparece, e essa é sempre a descoberta mais dolorosa, porque revela quantos anos de presença foram gastos com quem nunca perguntou pelo custo. Os amigos poucos e verdadeiros se destacam dos muitos e circunstanciais. E a terra, para quem tem terra, volta a ensinar o que nenhum documento ensina.

Nada disso é aposentadoria espiritual. É mudança de regime de trabalho. A pessoa deixa de servir à organização e passa a servir diretamente à obra, sem intermediação, sem cronograma, sem relógio de presença. Plantar uma árvore nativa é ato religioso. Estar inteiro com quem se ama é ato religioso. Escutar alguém que precisa ser escutado, ainda que fora de qualquer estrutura, é ato religioso. O Evangelho nunca esteve confinado ao edifício, ele apenas foi guardado lá por conveniência administrativa.

Que ninguém confunda, portanto, cansaço de estrutura com perda de fé. São realidades distintas e frequentemente opostas, porque é justamente quem leva a fé a sério que se cansa primeiro daquilo que a substitui. O sinal de que a retirada foi acertada é simples e aparece cedo. Se o afastamento devolve paz, gratidão e vontade de rezar, era pousio. Se devolve amargura, ressentimento e necessidade de acusar, ainda era dívida sendo cobrada, e essa não se paga com ausência, paga-se com perdão.

Quem descansa a terra não desiste da colheita, apenas aceita que a fertilidade obedece a um tempo que não é o da pressa dos homens.

SOBRE O AUTOR

Ainor Francisco Lotério é engenheiro agrônomo, bacharel em Filosofia e em Teologia, mestre em Gestão de Políticas Públicas e diácono permanente. Palestrante e escritor, criador da Agrosafia, filosofia de vida que integra a sabedoria da terra, a espiritualidade e o desenvolvimento humano. Vive no Sítio Agrosafia, na Comunidade Rural do Braço, em Camboriú, Santa Catarina, onde cultiva espécies nativas da Mata Atlântica.